Sumário

Número de notícias: 25 | Número de veículos: 14

FOLHA DE S. PAULO - SP - MERCADO
RECEITA FEDERAL DO BRASIL
Banco Central apressa regulação do mercado de criptomoedas 3

JORNAL DE BRASÍLIA - DF - ECONOMIA
RECEITA FEDERAL DO BRASIL
Prazo para entregar declaração do Imposto de Renda termina amanhã 5

VALOR ECONÔMICO - SP - LEGISLAÇÃO E TRIBUTOS
RECEITA FEDERAL DO BRASIL
Prazo para julgamento administrativo e a Selic - OPINIÃO JURÍDICA 7

VALOR ECONÔMICO - SP - ESPECIAL
SEGURIDADE SOCIAL
Com investimentos de R$ 50 bi, oferta solar vai subir 82% este ano 8

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL
SERVIDOR PÚBLICO
Contratando problemas fiscais para o futuro - SERGIO LAMUCCI 9

CORREIO BRAZILIENSE - DF - POLÍTICA
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
Esforço para pular barreira 10

FOLHA DE S. PAULO - SP - MUNDO
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
Esquerdista Petro e populista surpresa Hernández farão 2° turno na Colômbia 12

FOLHA DE S. PAULO - SP - MERCADO
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
Lucro recorde na Bolsa mascara perspectiva para a economia real - MARCOS DE VASCONCELLOS
. 14

O ESTADO DE S. PAULO - ESPAÇO ABERTO
RECEITA FEDERAL DO BRASIL
Responsabilidade solidária no orçamento público (Artigo) 16

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
Ajuste por tributo indireto corrói PIB, diz estudo 18

VALOR ECONÔMICO - SP - INTERNACIONAL
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
Falta consenso em Pequim sobre apoio à economia 19

VALOR ECONÔMICO - SP - OPINIÃO
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
É cedo para dizer que houve um ajuste fiscal estrutural (Editorial) 20

VALOR ECONÔMICO - SP - LEGISLAÇÃO E TRIBUTOS
RECEITA FEDERAL DO BRASIL
Contribuinte vence no Carf discussão sobre compensação 21

TV GLOBO - DF - BOM DIA DF
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
Impostômetro 2022: Brasileiro vai trabalhar 149 dias só para pagar tributos 22

CORREIO BRAZILIENSE - DF - POLÍTICA
ECONOMIA
Rejeição decidirá a eleição 23

ESTADO DE MINAS - BELO HORIZONTE - MG - POLÍTICA/NACIONAL
ECONOMIA
O principal adversário de Bolsonaro não é Lula: é a economia - WAGNER PARENTE 26

FOLHA DE S. PAULO - SP - OPINIÃO
ECONOMIA
Gargalo econômico (Editorial) 27

FOLHA DE S. PAULO - SP - PODER
ECONOMIA
A fome do 'Bolsocaro' - CELSO ROCHA DE BARROS 28

FOLHA DE S. PAULO - SP - MERCADO
ECONOMIA
Maioria diz que situação econômica influi muito no voto 29

FOLHA DE S. PAULO - SP - FOLHA MAIS
ECONOMIA
Crises mundiais fazem os jovens repensarem prioridades 32

O ESTADO DE S. PAULO - ECONOMIA E NEGÓCIOS
REFORMA TRIBUTÁRIA
Meus propósitos - HENRIQUE MEIRELLES 35

O ESTADO DE S. PAULO - ECONOMIA E NEGÓCIOS
ECONOMIA
'Musk não tem gabarito para gerir o Twitter' 36

O GLOBO - RJ - POLÍTICA
ECONOMIA
Economia é decisiva para escolha do voto, diz Datafolha 38

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL
ECONOMIA
Nova estratégia do Banco do Brics prevê até R$ 12 bi para empresas brasileiras 39

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL
ECONOMIA
Otimismo com PIB não chega até o 2° semestre 40

Banco Central apressa regulação do mercado de criptomoedas

Julio Wiziack

O BC (Banco Central) prepara as regras que devem equiparar corretoras ebolsas de ativos digitais, nacionais e estrangeiras, a bancos de investimento.

As novas normas tentarão barrar o uso de criptomoedas na lavagem de dinheiro e a evasão de divisas para proteger o nível de poupança do país -já considerado baixo demais pelo BC.

Esse movimento ocorre no momento em que as empresas de criptoativos, principalmente moedas digitais, como o Bitcoin e o Etherium, negociam no país o equivalente à metade dos valores da B3, a Bolsa brasileira-cerca de R$300 bilhões, segundo dados do BC de dezembro do ano passado.

Nesse período, as operações de renda variável feitas na B3 (ações, fundos, BDRs e ETFs) totalizaram cerca de R$ 600 bilhões, segundo dados da Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) reunidos pelo BC.

A quantia movimentada pelas aplicações digitais já representa 27% dos recursos hoje depositados na poupança.

O crescimento exponencial desse mercado nos últimos três anos, sem qualquer tipo de regulação e controle, disparou o temor do BC e da **Receita Federal** para evasão de divisas e lavagem de dinheiro.

Em julho de 2021, por exemplo, a PF deflagrou a operação Daemon, que mirou Cláudio José de Oliveira. Ele teria desviado R$ 1,5 bilhão de 7.000 clientes, segundo dados do Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) e da Polícia Federal.

Um mês depois, a operação Kryptos avançou sobre o esquema de fraude com pirâmide financeira capitaneado pelo empresário Glaidson Acácio dos Santos, conhecido como "faraó do bitcoin" e que acumulou mais de 67 mil clientes em quase cinco anos de operação.

Para os técnicos do BC e do Ministério da Economia envolvidos nas discussões, as aplicações em moedas ou outros ativos digitais também poderíam servir para financiamentos do tráfico ou de terroristas, caso não houvesse regulação.

Hoje, uma dúzia de países apertou o cerco, obrigando os operadores a jogarem de acordo com as regras das demais instituições financeiras.

O BC decidiu trabalhar em conjunto com a Câmara dos Deputados e o Senado para aprovar um marco legal para esse segmento do mercado.

O projeto de lei foi aprovado pelo Senado e está na fase final de votação em regime de urgência na Câmara, como uma das prioridades do governo. A expectativa é que seja votado ate o final de junho.

Como as diretrizes da lei devem permanecer inalteradas na fase atual de discussão na Câmara, o BC começou a ouvir as empresas, como as gigantes estrangeiras Binance, Coinbase, Bitso, e a brasileira Mercado Bitcoin.

Essas companhias mantêm conversas com a diretoria do BC e como presidente da autarquia, Roberto Campos Netto, que, segundo relatos, está muito interessado em conhecer a dinâmica desse segmento que opera dentro do Block-chain -uma espécie de internet financeira que roda dentro da internet que conhecemos e que pretende dar sustentação a operações financeiras seguras e fora do ambiente convencional de bancos.

As empresas estavam preocupadas que o projeto de lei fosse tão rígido que estrangulasse o futuro desse negócio.

Comas diretrizes já aprovadas na Câmara, as empresas buscam a certeza de que terão caminho

aberto para poder promover inovações como venda de ações, debêntures e outros ativos mobiliários.

Embora o projeto preveja essa possibilidade, caberá à CVM (Comissão de Valores Mobiliários) a palavra final sobre o assunto.

Sem regulação, algumas dessas empresas, como a Binance, chegaram a vender debêntures no Brasil e foram suspensas porque essa prática só é permitida para instituições financeiras com sede no país, que tenham registro e autorização de dados pela CVM.

Ainda segundo relatos, as grandes empresas de criptoativos querem que o regulador aperte as regras, exigindo compliance (normas de governança para evitar fraudes ou crimes) e capital mínimo, para que esse mercado seja controlado pelos gigantes, separando "o joio do trigo".

Muitas empresas, inclusive as gigantes, se envolveram em esquemas fraudulentos no país que levaram investidores a amargarem perdas vultosas.

Nas conversas, o BC sinalizou que vai obrigar as corretoras a "conhecerem melhor" seus clientes. Pessoas politicamente expostas terão regras equiparáveis às de bancos e será criado um cadastro nacional das pessoas politicamente expostas com acesso às instituições financeiras de modo geral.

As criptoempresas terão de reportar ao Coaf qualquer transação superior a R$ 10 mil.

Atualmente, a **Receita Federal** obriga que operações acima de R$ 35 mil sejam notificadas. Segundo essa norma, o fisco registrou R$ 200 bilhões em compra e venda de criptomoedas no ano passado.

Site:
https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49927&anchor=6456820&pd=6fc41e83a912d29269cbee0cfe8f1e43

Prazo para entregar declaração do Imposto de Renda termina amanhã

Oprazo para a entrega da declaração do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) está quase no fim. Após ampliação da data limite de 29 de abril para o dia 31 de maio, a população só tem até amanhã para preencher as informações exigidas pela **Receita Federal** e não pagar multa por atraso no envio da declaração. Caso o limite seja extrapolado, o valor de punição inicia a partir de R$ 165,74, podendo chegar até 20% do valor do imposto devido. Neste ano, o IR completa 100 anos de existência.

De acordo com o órgão federal, até às 16h da última sexta-feira foram entregues 28.880.296 declarações em 2022, concernentes ao ano-calendário de 2021. Até amanhã, a expectativa da Receita é receber ainda cerca de 34,1 milhões de outras declarações.

Estão obrigados a fazer a declaração do imposto de renda aquelas pessoas físicas que receberam rendimentos acima de R$ 28.559,70, ou tiveram rendimentos isentos de **tributos** (como bolsas de estudo, seguros, doações ou heranças) acima de R$ 40 mil. Existem mais critérios para a obrigatoriedade que podem ser consultados no site "Meu imposto de renda", da **Receita Federal**, na aba "Quem deve declarar".

É importante cuidar para que a declaração não seja feita de última hora. Devido ao provável grande número de pessoas a prestarem a contribuição no prazo final, há o risco do sistema da **Receita Federal** ficar sobrecarregado e não funcionar devidamente, aumentando o tempo a ser gasto na declaração.

Uma das novidades neste ano é o recurso da declaração pré-preenchida, nova ferramenta da Receita criada para facilitar e agilizar o fornecimento das informações. Baseado no CPF dos contribuintes, o preenchimento automático de algumas informações serve, porém, apenas como guia, sendo, portanto, importante conferir todos os valores e dados antes destes serem enviados, a fim de não cair na malha fiscal, comumente conhecida como malha fina.

Erro de digitação Amalha fina acontece quando o sistema de avaliação da RF identifica inconsistências nas informações prestadas pelos contribuintes com os dados fornecidos por terceiros, que o órgão já tem em mãos. Um exemplo é quando um funcionário especifica o valor de salário anual menor que a quantidade informada à Receita pela empresa em que trabalha. O conflito de informações pode acontecer por erro de digitação, masa Receita pode interpretar como má-fé do cidadão.

Nesse caso, identificada a incompatibilidade, a restituição a que se tem direito não é feita. A equipe de investigação do órgão federal poderá considerar as inconsistências como fraudes, e uma notificação da Receita será feita.Ocidadão, porém, pode se antecipar e fazer uma declaração retificadora de IR pelo e-CAC (Centro Virtual de Atendimento ao Contribuinte) ou pelo aplicativo Meu Imposto de Renda para explicar a confusão feita.

Se a Receita fizer uma notificação, a não resposta do contribuinte dentro de 30 dias, contados da data de recebimento da notificação, poderá incorrer em uma multa de 75% sobre o valor total do imposto.

Os valores arrecadados têm destinação para o desenvolvimento de serviços públicos no Brasil, fazendo parte do financiamento de obras e ações dentro de setores da saúde, educação, segurança e outros serviços prestados pelo Estado ao cidadão brasileiro.

No ano passado, 869,3 mil contribuintes caíram na malha fina, de um universo de 36,8 milhões de declarações enviadas. O principal motivo foi a omissão de rendimentos, com 41,4% das ocorrências, seguido por falta de comprovação de dedução, responsáveis por 30,9% das declarações retidas em 2021.

Transparência é essencial, diz advogado

Segundo o advogado Edemir Marques de Oliveira, especializado em direito tributário, a transparência na

prestação de informações são os principais cuidados que o contribuinte deve ter. "A primeira coisa é tentar ser o mais honesto possível com a Receita. E nessa transparência, o contribuinte deve juntar toda a documentação que puder em termos de deduções e dos rendimentos", explicou ele à Agência Brasil.

Entre os rendimentos mais propenso a dar problemas, diz o advogado, estão as receitas de aluguéis e os ganhos de capital na venda de imóveis. "O contribuinte deve ser organizado não apenas no momento de declarar o Imposto de Renda, mas durante todo o ano", diz Oliveira.

Em relação às deduções, o advogado aconselha que o contribuinte exija nota fiscal e guarde todos os recibos dos gastos que podem ser deduzidos, como educação e saúde.

O advogado também aconselha o contribuinte a acompanhar o processamento da declaração, informado por meio do e-CAC.

Site: https://cdn-acervo.sflip.com.br/temp_site/issue-1e12763b8e7913fb0504b6ea3e79d354.pdf

Prazo para julgamento administrativo e a Selic - OPINIÃO JURÍDICA

Rubens Fonseca de Souza Lopes

Veja a matéria no site de origem:

https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231?page=8&section=6

Notícias Relacionadas:

VALOR ONLINE
Prazo para julgamento administrativo e a Selic

Site: https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231?page=8&section=6

Com investimentos de R$ 50 bi, oferta solar vai subir 82% este ano

Domingos Zaparolli Para o Valor, de São Paulo

Veja a matéria no site de origem:

http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Site: http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Contratando problemas fiscais para o futuro - SERGIO LAMUCCI

SERGIO LAMUCCI

Veja a matéria no site de origem:

http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Notícias Relacionadas:

VALOR ONLINE
Contratando problemas fiscais para o futuro

Site: http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Esforço para pular barreira

Ferreira/CB/D.A Press

Raphael Felice

A poucos meses da primeira eleição majoritária e proporcional para deputados federais e estaduais sem a possibilidade de fazer coligações, cada partido ou federação terá de atingir uma maior parcela da cláusula de barreira. Isso se quiser continuar recebendo verbas do Fundo Partidário e manter o espaço destinado à propaganda eleitoral gratuita no rádio e na tevê.

Em 2 de outubro ? quando se realizará o primeiro turno ?, as legendas precisarão atingir 2% dos votos válidos, distribuídos em 1/3 das unidades da Federação, com mínimo de 1% dos votos em cada uma delas. Ou terão de eleger 11 deputados federais em pelo menos nove estados brasileiros ? incluído aí o Distrito Federal.

Diante desse obstáculo, legendas menores que estão próximas da cláusula traçam estratégias para pular a barreira e evitar o rumo à irrelevância ou à extinção. O Novo, por exemplo, mira superar os 2% dos votos válidos em nove estados com pelo menos 1% dos votos em cada um. O presidente do partido, Eduardo Ribeiro, afirma que a legenda está otimista.

"O foco vai ser buscar 2% dos votos nacionais. Nosso desempenho de 2018 nos daria a cláusula de barreira para 2026. São eleições diferentes, mas o que nos deixa otimistas é que nossas chapas estão mais fortes do que em 2018, algumas, aliás, concorrendo à reeleição. No Sul e no Sudeste o Novo é mais forte e vamos buscar espaço no Norte e Nordeste, onde temos bons quadros que podem surpreender", explicou.

Cálculos

O PSol e a Rede decidiram formar uma federação partidária para afastar o fantasma da cláusula. Assim, colocaram quadros conhecidos pelo eleitorado para disputar uma cadeira da Câmara dos Deputados, como Guilherme Boulos (PSol) ? já em pré-campanha ? e a ex-senadora Marina Silva (Rede) ? que também avalia disputar uma vaga na Casa. A expectativa da federação PSol-Rede é eleger aproximadamente 20 parlamentares.

Quem adota estratégia semelhante é o PTB. A legenda se reforçou com nomes conhecidos na política e em setores empresariais ? como Antônio Galvan (MT), presidente da Aprosoja Brasil; Paola Daniel (RJ), mulher do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ); e o ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha (SP).

Na avaliação do presidente em exercício do PTB, Kassyo Ramos, o partido deve eleger pelo menos 16 deputados federais. "Em 2018, nós conseguimos 10. Agora, segundo nosso cálculo, no mínimo a gente vai eleger de 16 a 18. Acredito em um mínimo de 18 e um máximo de 25 deputados em outubro", frisou.

Durante um curso de capacitação de pré-candidatos do Solidariedade, o vice-presidente nacional do partido, Jefferson Coriteac, explicou que o partido não fez federações, fusões ou coligações nacionais por acreditar que pode cumprir os requisitos **impostos** pela legislação. "Este ano é decisivo, pois é o primeiro que será feita uma eleição majoritária e proporcional a nível federal e estadual na qual não existirão as coligações. Nós do Solidariedade não fizemos federações, fusões ou coligações porque, realmente, acreditamos em nossos candidatos para conquistar os votos necessários e cumprir a cláusula", observou.

Vereadores

A possibilidade de não conseguir cumprir o que está previsto na norma também fez com que os partidos olhassem a possibilidade de os vereadores, que já têm base eleitoral nas cidades pelas quais foram eleitos, abandonarem os postos para disputar uma vaga no Congresso.

O PTB é um dos partidos que vê com bons olhos essa migração. Mas não há uma determinação ou pressão para que os ocupantes dos cargos do Legislativo municipal disputem uma vaga na Câmara.

"Não precisamos que os vereadores venham (disputar a corrida pela Câmara dos Deputados), mas é lógico que a gente quer. A gente conseguiu, em alguns estados, montar nominatas que cheguem nessa conta de, no mínimo, 18 deputados federais. Assim, os vereadores, se vierem, que seja por livre e espontânea vontade. Mas não tem essa pressão", garantiu Kassyo.

Já no Novo, os vereadores que estão em primeiro mandato não podem disputar as eleições à Câmara. Segundo o presidente da sigla, quem foi eleito assinou um termo de compromisso que o obriga a cumprir o mandato até o final.

"No Novo, não podem disputar as eleições ao Congresso, apenas vereadores em segundo mandato. Abrimos exceção apenas para os que já foram reeleitos", observou Eduardo Ribeiro.

Esquerdista Petro e populista surpresa Hernández farão 2° turno na Colômbia

Sylvia Colombo

A eleição presidencial colombiana terá segundo turno, a ser disputado em 19 de junho, entre o esquerdista Gustavo Petro e o populista Rodolfo Hernández. Com 99,97% das urnas apuradas, Petro tem 40,32%, seguido por Hernández, com 28,15%.

A liderança de Petro não foi uma surpresa, uma vez que o candidato, que concorre ao cargo pela terceira vez, vinha em primeiro lugar nas sondagens desde o início da campanha. A novidade foi Hernández. O ex-prefeito de Bucaramanga apareceu por meses na sexta colocação nos levantamentos, mas nas últimas semanas atropelou os nomes mais cotados para chegar ao segundo turno.

O favorito para enfrentar Petro era o direitista Federico "Fico" Gutiérrez, ex-prefeito de Medellín, apoiado pelo atual governo, de Iván Duque, e pelo Centro Democrático, partido comandado pelo caudilho Álvaro Uribe, popular ex-presidente da Colômbia. Ele marcou 23,91%.

Essa fatia será importante, e Petro já acenou a ela no discurso após a definição da volta final, dizendo que "o povo de Medellín pode ser conservador, mas não é bobo, é empreendedor e vai entender que nosso projeto é mais contundente".

Diante do desempenho de Hernández, já há a visão na campanha de Petro de que Fico era um adversário melhor. Mas o candidato tratou de destacar o resultado obtido.

"Se comparamos com a eleição passada, tivemos uma vitória muito expressiva. A votação de hoje mostra ao mundo que uma época na Colômbia acabou. Agora temos de construir um futuro. O segundo turno será uma decisão sobre o tipo de mudança que queremos. Se vamos nos suicidar ou avançar", disse o esquerdista.

A decisão de levar Petro e Hernández à disputa final está relacionada à forte rejeição a Duque e à continuidade de políticas da direita -a Colômbia jamais foi governada pela esquerda. A inquietação contra um modelo neoliberal na economia e conservador nos costumes se revelou com força nas manifestações populares de 2019 e de 2021, que resultaram em forte repressão da polícia.

Assim, os colombianos demonstraram que o desejo de mudança prevaleceu: ambos os candidatos não pertencem às forças políticas tradicionais que nas últimas duas décadas governaram o país nem possuem vínculos com nenhum dos lados da polarização entre direita liberal e direita conservadora representada pelos ex-presidentes Juan Manuel Santos e Uribe.

Entre as principais propostas do esquerdista estão reforma agrária, redução da taxa de desemprego por meio da criação de vagas no Estado e diminuição da dependência do país em relação ao petróleo, principal produto de exportação colombiano. Petro tem discurso anti-extrativista e afirmou que priorizará a produção do campo e das indústrias. Nos últimos debates, afirmou que seu governo será uma social-democracia e que expropriações estavam fora dos planos.

Ex-membro do M-19, preso e torturado na década de 1980, Petro, 62, abraçou a opção democrática depois que a guerrilha da qual fazia parte se desmobilizou. Foi eleito senador duas vezes e também liderou a

prefeitura da capital colombiana, Bogotá, o segundo cargo mais importante do país.

Hernández, por sua vez, faz uma campanha baseada em mensagens simples e diretas, com amplo uso de redes sociais, um aspecto criticado por Petro, para quem "a fome na Colômbia não vai ser resolvida com vídeos de TikTok".

Aos 76, ficou popular devido ao discurso anticorrupção e às caravanas em motos ou caminhonetes, principalmente no interior do país. Hoje um rico empresário do setor da construção, foi prefeito de Bucaramanga.

Já afirmou ser admirador do ditador nazista Adolf Hitler, para depois pedir desculpas e dizer que tinha se enganado e que, na verdade, queria dizer Álbert Einstein. Apesar de ser contra o aborto e o casamento igualitário, Hernández é a favor da legalização das drogas.

Em Bucaramanga, após o anúncio dos resultados, Hernández leu um breve discurso escrito em um papel. "Faremos da Colômbia um país para todos, onde o governo trabalha cada dia para o bem-estar dos colombianos, em especial os mais necessitados. Conto com vocês para ganhar no segundo turno." Nas ruas, apoiadores saíram buzinando de moto e camisetas amarelas, cor da campanha.

Caso seja eleito, o populista contará com apenas dois deputados, Erika Tatiana Sánchez e Juan Manuel Cortéz Duenas, eleitos no último pleito legislativo, em março.

Um ponto em comum entre os finalistas é a defesa da implementação completa do acordo com as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). O tratado, hoje parte da Constituição, tem encarado dificuldades na prática. Funcionou no desarmamento e na desmobilização da guerrilha, mas pontos como a reforma agrária e a proteção de ex-combatentes ficaram de lado, causando mais de 150 mortes de ex-guerrilheiros e dissidentes.

Diferentemente da última eleição, em 2018, neste pleito a paz com as guerrilhas não apareceu como principal preocupação dos colombianos. Desemprego, saúde, **impostos** e maior participação do Estado nas aposentadorias foram temas que apareceram com mais força nos debates presidenciais.

O dia da eleição transcorreu sem maiores problemas, de acordo com observadores colombianos e estrangeiros, mas episódios de violência ocorreram nos Departamentos de Meta, Caquetá e Guaviare.

Em Meta, houve uma explosão a 100 metros de um local de votação, e em El Retorno uma outra bomba atingiu um soldado, que ficou ferido. As chuvas atrapalharam os colombianos, e em Meta foi necessário mudar mesas de votação para que eleitores pudessem ter acesso às urnas.

Antes de votar, Petro postou nas redes sociais logo cedo a imagem de uma carta de próprio punho. "Hoje confio em meu povo. É a hora da confiança, da convivência e da vontade de mudança. É hora de concretizar nossos sonhos", escreveu. Ao chegar ao centro de votação, teve de voltar para casa porque esqueceu a carteira de identidade.

Hernández, por sua vez, ao ser questionado sobre o que faria depois de votar, respondeu com o estilo bufão que o ajudou a chegar ao segundo turno: "Voltar para minha casa e dormir". Para quem já concedeu uma entrevista à CNN de pijama, a frase é coerente.

Site:
https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49927&anchor=6456820&pd=6fc41e83a912d29269cbee0cfe8f1e43

Lucro recorde na Bolsa mascara perspectiva para a economia real - MARCOS DE VASCONCELLOS

MARCOS DE VASCONCELLOS

Ao ler o noticiário sobre os balanços das empresas no último trimestre, a sensação que se tem é que voamos em céu de brigadeiro. Lucro recorde da Petrobras, da Vale, dos bancos e de todo o conjunto de empresas com ações na Bolsa de Valores.

De repente, notamos que os bancos tiveram lucro recorde, mas distribuíram menos dividendos para seus acionistas. Foi, aliás, a distribuição mais baixa de dividendos das instituições desde 2014. Migalhas, se comparadas ao "lucro recorde" anunciado.

É preciso lembrar também que algumas das nossas campeãs da Bolsa surfam na super alta das commodities. Petrobras, Vale e Suzano, que tiveram o maior lucro do trimestre, são quase 29% do Ibovespa. Isso, aliás, explica o bom desempenho do nosso principal índice de ações neste ano, enquanto os grandes mercados globais derretem.

Mesmo tirando essas três empresas da conta, o conjunto de 356 companhias com ações na Bolsa lucrou R$ 901,8 bilhões nos primeiros três meses deste ano. Isso é 44% a mais do que o registrado no mesmo período de 2021, de acordo com a Economatica, empresa que vende dados de mercado.

E se as principais empresas do país lucraram 44% a mais, por que não sentimos o aumento da circulação de dinheiro no nosso dia a dia? Você conhece ao menos cinco pessoas que tiveram aumento de 40% em seus rendimentos no último ano? Não dá para culpar só a **inflação** pela diferença, cujo salto nos últimos 12 meses foi de 12.13%.

Acontece que, ao contrário do que diz o nosso pensamento lógico, o aumento do lucro não se traduz em crescimento das empresas. Às vezes, é justamente o contrário.

O faturamento das companhias da Bolsa no primeiro trimestre deste ano foi mesmo maior do que no ano passado, mas cerca de 24%, mostra estudo do BTG Pactual. Bem abaixo dos 44% de aumento do lucro.

Soma-se a isso, uma queda do dólar que levou a uma significativa redução das despesas de grandes companhias. Em um ano, a queda acumulada na moeda americana frente ao real já é de mais de 8%.

E aí vem o ponto crucial a ser analisado em conjunto com a alta dos lucros: a queda no endividamento das empresas. As grandes empresas brasileiras estão assumindo menos dívidas. O dinheiro está custando muito caro, com a nossa atual taxa básica de juros (Selic) a 12,75% ao ano.

Enquanto, para a sua vida privada, cortar dívidas costuma ser motivo para festejar, em uma empresa de porte, a queda no endividamento traduz-se, normalmente, em menos investimentos na ampliação do negócio, na geração de novos empregos e na criação de novas frentes.

As empresas com ações em Bolsa estão reduzindo de forma acelerada sua alavancagem, que é a relação entre dívida líquida e o Ebitda (lucros antes de juros, **impostos**, depreciação e amortização). Ou seja: estão tomando menos risco, fazendo menos apostas no próprio crescimento.

Em 2019, a relação dívida líquida/Ebitda, que, simplificando, diz em quanto tempo a empresa conseguiria pagar as dívidas que tem, estava em 2 anos. Em 2015, encontrava-se em 2,9 anos. Hoje, está em pouco mais de um ano e meio. Isso sem levar em conta Petrobras e Vale, cujos tamanhos colossais acabam por prejudicar as amostras.

No curto prazo, isso se traduz em aumento do lucro, mas traz a perspectiva de uma economia que anda mais devagar do que estávamos acostumados nos últimos anos. Já falei aqui como os grandes fundos estão com o caixa cheio, esperando alguma certeza para fazer suas apostas. Pois as empresas parecem estar no mesmo impasse.

Recentemente, o escolado gestor da SF2 Investimentos, Sérgio Machado, trouxe uma dica valiosa em seu perfil no Twitter: A melhor coisa para este momento de tantas incertezas é tentar navegar em jornadas curtas, deixando os planos para grandes

travessias para quando houver mais informações ou definições sobre a mesa.

O lado bom é que as recentes altas na Bolsa deixam claro que não faltam oportunidades para essas pequenas jornadas.

Site:
https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49927&anchor=6456820&pd=6fc41e83a912d29269cbee0cfe8f1e43

Responsabilidade solidária no orçamento público (Artigo)

Carlos Rodolfo Schneider, EMPRESÁRIO, É MEMBRO DO CONSELHO POLÍTICO E SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO (ACSP) E DO COMITÊ DE LÍDERES DA MOBILIZAÇÃO EMPRESARIAL PELA INOVAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI)

Em 2006, dois economistas do Banco Mundial, Indermit Gill e Homi Kharas, cunharam a expressão "armadilha da renda média" para qualificar os países que conseguiram superar a linha da pobreza, atingiram o patamar das nações de renda média, mas não conseguem avançar para o clube dos países ricos. A remuneração da mão de obra já não é tão baixa para que possam competir com produtos de baixo valor agregado, e, de outro lado, a produtividade e a competitividade desses países não são suficientes para enfrentar as economias mais dinâmicas O primeiro grande passo foi a migração em massa do campo para a cidade, de trabalhadores que agregavam pouco valor para empregos mais produtivos, principalmente na indústria, durante os processos de industrialização dos países. Algumas nações tiveram, ainda, o reforço do bônus demográfico, anos de crescimento acelerado da população, que permitiu incorporar um importante contingente populacional à economia. São dois movimentos que se esgotaram na maioria dos países. A partir daí, os avanços requerem ganhos de produtividade e inovação.

Foi o que levou adiante países como Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura, Portugal e Irlanda e deixou para trás diversos outros, entre eles o Brasil, onde, para agravar o quadro, aconteceu um dos mais fortes processos de desindustrialização, em boa parte por disfuncionalidades nas políticas públicas, que comprometeram a competitividade. O famoso custo Brasil e programas equivocados, como o dos campeões nacionais e outros, que privilegiam algumas empresas ou segmentos em detrimento dos demais, prejudicam um esforço linear por mais eficiência na economia.

A América Latina, de maneira geral, tem tido dificuldades de avançar para novo patamar de renda. Relatório do Banco Mundial sobre a região aponta o impacto da queda dos investimentos públicos em infraestrutura, há quatro décadas, sobre a competitividade, o crescimento e a desigualdade. E destaca a eficiência dos gastos como alternativa para aumentar a disponibilidade de recursos.

As ineficiências em transferências direcionadas, aquisições públicas e funcionalismo são estimadas em 4,4% do **PIB**, correspondentes em média a 16% dos gastos dos governos.

O documento também aponta caminhos importantes, como uma economia de até 22% que poderia ser obtida, nas compras públicas, com o simples aprimoramento de procedimentos, sem a necessidade de alterar as legislações correspondentes. Bem como o potencial da infraestrutura digital, relativamente barata, para aumentar a produtividade, conectando áreas rurais e ampliando o acesso ao ensino a distância.

Uma ideia que talvez mereça reflexão é a de separar uma parte da competente equipe da Secretaria da **Receita Federal**, independentemente de neste momento aparentemente estar desfalcada, para criar a Secretaria da Despesa Federal, que se encarregaria de reduzir os gastos públicos pelo aumento da eficiência. Surtiria o mesmo efeito do aumento de **impostos** para equilibrar as contas, com a vantagem de extrair menos recursos da sociedade.

E a experiência poderia ser replicada nos Estados e até nos municípios.

Na contramão da maior eficiência do gasto público também está o crescente protagonismo do Congresso Nacional na gestão do Orçamento, o que ajudou a levar, na definição do economista Márcio Garcia, a um mix distorcido de políticas macroeconômicas, com a fiscal expansionista e a monetária contracionista, quando deveria ser o contrário.

Trocado em miúdos, isso significa que, pelo fato de o Estado, que gasta mal, gastar demais, o Banco Central é obrigado a aumentar a taxa de juros para inibir o gasto e o investimento do setor privado, que é mais eficiente. Além de o aumento de juros limitar o crescimento e pressionar a dívida pública. Importante destacar que o constantemente questionado "teto dos gastos" tem sido um importante antídoto para esse desvio.

A crescente ingerência do Congresso no orçamento

público vem de uma característica intrínseca do nosso sistema político e de contas públicas, que permite discutir direitos sem as correspondentes obrigações. A grande maioria dos agentes se sente no direito de pressionar por gastos, sem a responsabilidade ou até a preocupação pelo equilíbrio das contas públicas.

Muitos países resolveram isso criando ferramentas para gerenciar a qualidade e a quantidade desse gasto, com adequada atribuição de responsabilidades e participação da sociedade.

No Brasil, a Lei de Responsabilidade Fiscal, inspirada na experiência de outros países, previa a criação do Conselho de Gestão Fiscal (CGF), para gerir a questão. Por iniciativa do Movimento Brasil Eficiente, a regulamentação para a criação do CGF foi aprovada por unanimidade no Senado Federal em 2015 (PLS 141/2014), mas, após distorções introduzidas por deputados para diminuir a sua eficácia, dorme na Câmara dos Deputados desde então. O Congresso precisa sair da zona de conforto e entender que não existe almoço grátis.

Carlos Rodolfo Schneider, EMPRESÁRIO, É MEMBRO DO CONSELHO POLÍTICO E SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO (ACSP) E DO COMITÊ DE LÍDERES DA MOBILIZAÇÃO EMPRESARIAL PELA INOVAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI)

Site: https://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo

Ajuste por tributo indireto corrói PIB, diz estudo

Veja a matéria no site de origem:

http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Site: http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Falta consenso em Pequim sobre apoio à economia

Tom Mitchell, Sun Yu e Cheng Leng Financial Times, de Cingapura, Peguim e Hong Kong

Veja a matéria no site de origem:

http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Site: http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

VALOR ECONÔMICO / SP - OPINIÃO - pág.: A18. Seg, 30 de Maio de 2022
TRIBUTOS - CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

É cedo para dizer que houve um ajuste fiscal estrutural (Editorial)

Veja a matéria no site de origem:

http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Site: http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Contribuinte vence no Carf discussão sobre compensação

Beatriz Olivon

Veja a matéria no site de origem:

https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231?page=8&section=6

Notícias Relacionadas:

VALOR ONLINE
Contribuinte vence no **Carf** discussão sobre compensação

Site: https://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231?page=8&section=6

Impostômetro 2022: Brasileiro vai trabalhar 149 dias só para pagar tributos

Multimídia:
http://midia.smi.srv.br/video/2022/05/30/TVGLOBODF-07.16.31-07.24.05-1653906787.mp4

Rejeição decidirá a eleição

Cristiane Noberto

A eleição presidencial deste ano terá uma característica semelhante à de 2018: tem tudo para ser decidida pela rejeição. Se na última corrida presidencial o que definiu a vitória de Jair Bolsonaro foi o antipetismo, agora o que pode dar a vitória ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem tudo para ser o antibolsonarismo.

A avaliação é de Carlos Melo, cientista político, mestre, doutor e professor do Insper.

Ele salienta que o petista não está agregando apenas votos que naturalmente já seriam dele, mas, também, votos de eleitores que não escolhem Bolsonaro de jeito algum. "São votos contrários ao presidente, muito por conta de sua figura controversa. Tem uma série de questões indo mal e que não colaboram com a campanha dele", observa, salientando, porém, que Bolsonaro tem possibilidades de ser reeleito.

Melo afirma, ainda, que pelo que se pode compreender das pesquisas, o eleitor já decidiu quem escolherá em outubro. E isso não ajuda as candidaturas da terceira via, que teria pouca capacidade de virar escolhas que, para o professor do Insper, já estão consolidadas. "Pesquisa do Ipespe diz que 68% dos entrevistados também já diz ter definido seu voto mais cedo e isso em anos anteriores, nessa altura do campeonato, significava 44%", destaca. A seguir, leia os principais trechos da entrevista.

Definição

A rejeição está mais decisiva do que a aprovação. Em 2018, foi a eleição do antipetismo. Bolsonaro se engana quando pensa que ganhou por seus méritos.

O sistema queria um candidato outsider e, entre todos, ele foi o escolhido. Era o que parecia estar mais afastado do centro de poder, mas foi uma eleição do antipetismo.

Essa eleição de agora está mostrando o antibolsonarismo.

Há uma adesão a Lula por ser o candidato que está se colocando assim. 45% não são só voto de petistas; são votos contrários ao presidente, muito por conta de sua figura controversa.

Tem uma série de questões indo mal e que não colaboram com a campanha dele. Contudo, claro que Bolsonaro pode ganhar. Mas, se as eleições fossem agora, com os olhos de hoje, me parece um grande desafio.

pesquisa

Tem algumas coisas nas pesquisas que parecem interessantes.

O Datafolha aponta para a liderança do ex-presidente Lula.

É o mais tradicional instituto de pesquisas e é bastante respeitado.

Também parece confirmar um certo viés, de que o petista está consideravelmente à frente e que ele tem a seu favor o voto feminino e dos jovens. Por outro lado, Bolsonaro tem cerca de um terço do eleitorado, mas uma rejeição muito grande, mostrada pela pesquisa do Ipespe. 68% dos entrevistados também já dizem ter definido o voto mais cedo e isso, em anos anteriores, nesta altura do campeonato, significava 44%. Então, parece ter pouco espaço para outros candidatos que não sejam Lula e Bolsonaro.

1º ou 2º turno?

A terceira via parece muito espremida nesse processo todo. O número de pessoas que não votariam em um nem outro (Lula e Bolsonaro), que é o potencial da terceira via, vem caindo gradativamente e significativamente.

Esse número já foi em algo de 30% e, agora, são 16% para serem divididos por uma penca de candidatos, como Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (MDB), André Janones (Avante), Luciano Bivar (União) e candidatos menos expressivos. Me parece que é muito difícil ter uma coisa diferente de Lula e Bolsonaro disputando a eleição, que pode ser definida no primeiro turno. Eu ainda trabalho com a hipótese do segundo turno, mas não dá para descartar um breve desfecho.

Aprendizado

Há entre militantes petistas esse tipo de euforia, mas não tenho certeza se há esse clima em relação à campanha de Lula.

A história ensina. Em 2018, tinha uma impressão de que o brasileiro não votaria em Bolsonaro, e foi um erro brutal que fez não buscar ampliar a candidatura de (Fernando) Haddad. Houve tentativas de conversa com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, mas a campanha se estreitou muito. Não vejo isso ocorrer nesse momento. Lula tem procurado conversar com o PSDB, o MDB, está focado em ampliar palanques como não fez em 2018. Há um cuidado um pouco maior agora. Se a história não ensinar que essa euforia é um erro, e que essa euforia se demonstra na urna, é um erro infantil.

Minas

É o segundo maior eleitorado do Brasil, um campo de batalha muito forte, mas é um estado que muda. Por exemplo: São Paulo tende a ser mais conservador, não votar em candidatos do PT. A Bahia, por outro lado, tende a votar nos petistas. Rio de Janeiro e Minas são mais voláteis e é sempre uma eleição muito importante.

O que me parece é que Lula está na frente nesses dois estados.

O PT fez uma concessão grande para abrir esse palanque mineiro: abriu mão de candidato ao Senado - pragmatismo puro. Mas, quando isso aconteceu, o (governador Romeu) Zema, que vinha com discurso ambíguo, não se comprometendo com Bolsonaro - não restou alternativa, já que o Lula tem um grande potencial de votos - teve que se deixar abraçar por Bolsonaro.

Centro

É um problema qualificar esse grupo todo como "centro democrático", pois a maior parte, na verdade, é Centrão. O centro democrático se posiciona em torno de liberdades individuais de direitos, políticas baseadas no liberalismo.

Essas pessoas podem não se alinhar com o Lula, mas não vejo se alinhando com Bolsonaro. Trocaria esse termo por Centrão ou franjas do Centrão em outros partidos, como PSDB e MDB. Aí, sim, poderiam se alinhar com Bolsonaro.

Conservadores São parcelas de vários partidos por conta de interesses locais, distribuição de verbas, ocupação de espaço no governo com certas tendências. Uma parte desses partidos mais conservadores e mais favorecidos na distribuição de recursos nos últimos tempos deve escolher um lado.

Mas não vejo as pessoas sendo conduzidas por um líder que foi derrotado para votar neste ou naquele candidato.

Migração

Só houve uma única vez, em 1989, quando o voto brizolista virou para Lula. Leonel Brizola realmente transferiu seu capital político para o petista. Mas você não vê isso agora. "Os meuseleitores vão votar no candidato tal porque eu recomendo" - isso não existe. Existem só dois líderes realmente carismáticos para conduzir este processo: Bolsonaro e Lula. Se Lula ficasse do lado de fora do segundo turno, seus eleitores têm tendência específica, e vice versa. Agora, os demais candidatos, não vejo. Vejo bases tentando influenciar as bases locais não porque querem, mas porque a região assim exige.

Economia

É muito difícil sair do campo da economia porque a situação vai muito mal. Tem um grau de desemprego muito grande, e empregos precários, queda na renda.

A gente precisa colocar isso numa perspectiva do país todo: queda de renda, **inflação** de dois dígitos, salário mínimo decrescente depois de tanto tempo. Pela primeira vez, a fome no Brasil é maior que a média mundial. São questões econômicas prementes. Lula está bem no eleitorado feminino porque quem entende de economia são as mulheres. Elas sabem o preço de tudo. Diria mais: nesse processo de pandemia, quando morreram quase 670 mil pessoas, foram as mulheres que cuidaram, que têm vivido a tragédia cotidiana.

A economia e o voto feminino são os temas da campanha.

Recall

As pessoas estão procurando algo, ao contrário de 2018.

Naquela época, queriam o outsider, um cara que não estivesse "com os que estão aí". Agora, porém, as pessoas procuram alguém com experiência capaz de tirar o país de onde está. Quando você olha para a candidatura de Bolsonaro e de Lula é, sim, um recall. Essa nostalgia tem sido muito comum do ponto de vista tecnológico, economia e sociedade, e ninguém consegue olhar muito para o futuro.

Eu concordo que o PT tem esse problema de conseguir olhar para o futuro e se acautelar, precaver, se adiantar, se proteger. É muito difícil.

Crescimento

O que a gente pode esperar é a tentativa de fazer um crescimento rápido da economia, enquanto não conseguem olhar para o futuro. Vão tentar forjar um crescimento rápido, com políticas que induzam ao crescimento, criar empregos e aumentar renda, a continuidade de programas de distribuição de renda e, talvez, em volumes até maior, com expectativa de criar trabalhos locais.

No governo Lula, lá atrás, embora o mundo seja muito diferente, quando não se consegue olhar para um futuro mais longo, resta olhar para o futuro imediato, promover renda imediatamente para pensar em algo mais sustentável em longo prazo que realmente signifique sanar um problema estrutural.

Lula está bem no eleitorado feminino porque quem entende de economia são as mulheres. Elas sabem o preço de tudo. As mulheres têm vivido a tragédia cotidiana"

Há entre militantes petistas esse tipo de euforia, mas não tenho certeza se há esse clima em relação à campanha de Lula. A história ensina"

É muito difícil ter uma coisa diferente de Lula e Bolsonaro disputando a eleição, que pode ser definida no primeiro turno.

Eu ainda trabalho com a hipótese do segundo turno"

Só houve uma única vez, em 1989, quando o voto brizolista virou para Lula. Leonel Brizola realmente transferiu seu capital político para o petista. Mas você não vê isso agora"

O PT fez uma concessão grande para abrir esse palanque mineiro: abriu mão de candidato ao Senado - pragmatismo puro. Mas, quando isso aconteceu, Zema teve que se deixar abraçar por Bolsonaro"

O principal adversário de Bolsonaro não é Lula: é a economia - WAGNER PARENTE

WAGNER PARENTE

Na última sexta-feira, em uma convenção de pastores em Goiânia, o presidente Jair Bolsonaro buscou novamente transferir a responsabilidade dos problemas da nação para outrem. Nesse caso sobrou pra Deus mesmo: "Nós sabemos que temos que fazer a nossa parte, mas deixar as coisas impossíveis nas mãos de Deus". O que parece beirar mesmo o impossível é uma recuperação da economia robusta que possibilite uma reeleição do presidente em outubro.

A **inflação** e o desemprego não permitem que uma campanha focada em agenda de costumes seja viável. É muito mais premente a falta de condições básicas de manutenção da vida de uma família do que uma discussão distante sobre aborto (que aliás, nem é de responsabilidade do presidente determinar). Na última quarta-feira (25), a Sondagem do Consumidor, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), apontou uma queda de 3,1 pontos em maio do índice de confiança do consumidor. As pessoas não gastam porque acreditam que a situação pode piorar.

Inflação e desemprego são as terríveis consequências práticas de um quadro que pode ser caracterizado como estagflação. A receita de subir juros (Selic) para conter o avanço nos preços acaba atraindo o dinheiro que poderia ir para investimento direto que gera emprego. Atualmente, só Brasil e Turquia têm quadro de desemprego e taxa de juros acima dos 10%. Não por acaso, o presidente Bolsonaro admira tanto o seu colega turco Recep Erdoan.?

A diferença é que Erdoan? era favorito para eleição que ganhou no mês passado. Erdoan? vai ficar - caso termine o mandato - 20 anos à frente do governo turco. Durante esse período, o presidente fez todo tipo de mudança para aumentar seu poder, reprimir a oposição e aumentar a presença da religião - no caso, o islamismo - no governo. O resultado é uma tragédia: taxa básica de juros de 14% e desemprego na casa dos 10,7%, retroalimentada pela instabilidade política. Qualquer semelhança não é mera coincidência.

No Brasil, começa a se formar um consenso entre os especialistas do mercado que a Selic (hoje em 12,75% a.a.) deve continuar subindo, ainda que em ritmo menor. Não se espera uma piora nos índices de desemprego, mas tampouco uma melhora que leve o índice muito abaixo dos 11% (hoje em 11,1% segundo o IBGE). A perspectiva do mercado financeiro é coerente com a Sondagem do Consumidor da FGV e com outra pesquisa que tirou o sono dos apoiadores de Bolsonaro na última semana.

A última pesquisa do Datafolha, divulgada na segunda-feira (28), aponta que para 75% dos brasileiros o governo do presidente Bolsonaro tem responsabilidade na alta da **inflação**. Nos últimos 12 meses, o índice de **inflação** está em 12,13%, mas considerando apenas alimentação, o índice supera os 16%. O ministro Paulo Guedes, ainda no Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, assegurou que "a **inflação** está no pico". Difícil saber se alguém acreditou.

O fato é que a mesma pesquisa do Datafolha aponta para uma maioria dos votos válidos para o ex-presidente Lula, ou seja, segundo o Datafolha, Lula venceria no primeiro turno se a eleição fosse hoje. Pouca gente que entende de política acredita que esse seja mesmo o quadro até outubro. Afinal, a campanha nem começou ainda, na qual todos os escândalos de corrupção da era petista serão devidamente rememorados pelo eleitor.

No entanto, a julgar pela situação econômica atual do país e as pesquisas de sondagem com a população e o mercado, ninguém espera uma melhora. Aí, não adianta dividir responsabilidade com governador, com a mídia, com o Supremo Tribunal Federal ou mesmo com Deus. É o presidente Bolsonaro que vai ter que demonstrar competência para lidar com esse quadro delicado e ter chance de reeleição.

Site:
https://digital.em.com.br/estadodeminas/30/05/2022/p1

Gargalo econômico (Editorial)

Entre os muitos fatores que contribuem para o mau desempenho de Jair Bolsonaro (PL) na mais recente pesquisa Datafolha, a situação da economia tem lugar de destaque.

Dois de cada três brasileiros aptos a votar consideram que o quadro econômico piorou nos últimos meses, mesmo resultado da pesquisa anterior, em março. Entretanto a parcela dos que consideram que sua situação pessoal teve deterioração subiu de 46% no levantamento de março para 52% agora.

Dado o quadro de **inflação** e desemprego elevados, sem grande perspectiva de melhora rápida, é ainda mais danoso para o presidente que 77% dos brasileiros declarem que a economia vai ter muita influência (53%) ou alguma influência (24%) em sua decisão de voto.

Embora 7 de cada 10 eleitores digam que não pretendem mais alterar seu voto se a economia piorar, a possibilidade de mudança é quase 10 pontos percentuais maior entre os eleitores de Bolsonaro (32%) do que entre os do petista Luiz Inácio Lula da Silva (23%).

A **inflação** se mantém em dois dígitos -nos 12 meses encerrados em abril, a alta do IPCA ficou em 12,13%, o maior patamar desde outubro de 2003. Tal dinâmica é sempre danosa para a aprovação de qualquer incumbente, mas o perfil da escalada de preços hoje é particularmente negativo.

Desde o ano passado são os itens de primeira necessidade, como alimentos, energia e combustíveis, que subiram mais, afetando em especial os estratos de baixa renda.

Em tal cenário, mesmo o efeito favorável da criação de empregos é enfraquecido. A taxa de desemprego marcou 11,1% no trimestre de janeiro a março, num recuo considerável ante os 14,9% de um ano antes. Os salários, porém, não conseguem acompanhar a **inflação**.

A renda média mostrou algum aumento no ano, de R$ 2.510 para R$ 2.548 mensais, em valores corrigidos. Entretanto o valor permanece muito abaixo dos R$ 2.928 do pico registrado no terceiro trimestre de 2020, quando os preços apresentavam maior estabilidade.

A julgar pelas projeções atuais para as principais variáveis econômicas nos próximos meses, dificilmente haverá algum grande alento para a candidatura de Bolsonaro.

A **inflação** tende a cair, mas seu impacto negativo no poder de compra da população não será superado rapidamente. Ademais, a alta dos juros do Banco Central tende a esfriara atividade econômica de modo mais intenso doravante.

É o que explica a ânsia de Bolsonaro em baixar os preços de combustíveis e eletricidade, mesmo re - correndo a métodos que tendem a provocar problemas econômicos ainda mais graves no futuro.

Site:
https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49927&anchor=6456820&pd=6fc41e83a912d29269cbee0cfe8f1e43

A fome do 'Bolsocaro' - CELSO ROCHA DE BARROS

CELSO ROCHA DE BARROS

Na semana passada, foi publicado um estudo da Fundação Getúlio Vargas sobre insegurança alimentar no final de 2021 ao redor do mundo.

A porcentagem de brasileiros que relatou não ter tido dinheiro para alimentar a si mesmo ou a seus familiares em algum momento dos últimos 12 meses subiu de 30% para 36%.

Pela primeira vez desde que a pesquisa é feita, o percentual brasileiro é maior do que a média mundial (35%).

Como se pode imaginar, o problema foi muito pior entre os brasileiros mais pobres. Em 2021, 75% dos cidadãos que compõem os 20% mais pobres da população brasileira ficaram sem dinheiro para comer ou para alimentar suas famílias em algum momento. Três quartos.

Como notam os pesquisadores da FGV, a proporção de brasileiros a quem faltou dinheiro para comprar comida é próxima da proporção entre os cidadãos do Zimbábue, em que 80% da população relataram ter passado pela mesma aflição.

A tragédia da fome bolsonarista é uma tragédia feminina. A insegurança alimentar masculina, na verdade, caiu um ponto percentual, de 27% para 26%.

Entre as mulheres, a fome cresceu de 33% para 47%. A diferença entre homens e mulheres no Brasil é seis vezes maior do que no resto do mundo. É altamente provável que fome de mulher seja sinônimo de fome de criança.

Segundo o estudo da FGV, durante a pandemia, a proporção de brasileiros que não teve dinheiro para comer em algum momento em 2021 subiu quatro vezes mais do que a média dos 120 países pesquisados (6 pontos percentuais no Brasil contra 1,5 ponto percentual no mundo).

Em 2019, o Brasil estava em 81º lugar no ranking dos países com mais insegurança alimentar. Em 2021, pulou para 63º.

Isto é, no governo Bolsonaro, já cobrimos um quarto da distância que nos separava do Zimbábue no ranking dos países em que uma proporção maior da população tem dificuldade para conseguir o dinheiro da comida.

Os dados da pesquisa são anteriores aos desastres de 2022, em especial à guerra da Ucrânia. Os pesquisadores da FGV falam, inclusive, de uma "estagflação da pobreza" em 2022.

O termo estagflação é uma combinação de estagnação e **inflação**. É uma combinação especialmente azarada: em geral, a **inflação** sobe quando a economia está aquecida e a estagnação econômica derruba os preços.

No momento, tanto **inflação** quanto desemprego estão altos. Isso dificulta muito a resolução do problema, porque as medidas para corrigir a estagnação trazem risco de **inflação**, e vice-versa.

Ou seja, vale para a insegurança alimentar o que valeu para o número de mortes na pandemia: se uma coisa ruim acontece no mundo, Bolsonaro faz com que seja pior no Brasil.

Bolsonaro até deu um pouco mais de atenção para o problema da **inflação** atual do que deu para a pandemia: reclamou da Petrobras. Mas não é empatia, é golpismo.

Se o diesel disparar de preço, Bolsonaro perderá apoio dos caminhoneiros, com quem conta para seu projeto de golpe.

Já a brasileira com fome e seu filho faminto valem, para Bolsonaro, o mesmo que o brasileiro entubado: nada.

A lição é clara: vote para presidente supondo que o (a) eleito (a) pode ser o (a) responsável por conduzir o Brasil durante crises de vida ou morte.

Se tivéssemos feito isso em 2018, não teríamos elegido o palhaço fascista do Superpop.

Site:
https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49927&anchor=6456820&pd=6fc41e83a912d29269cbee0cfe8f1e43

Maioria diz que situação econômica influi muito no voto

Fernando Canzian

A situação econômica do país está sendo determinante para a maioria dos brasileiros decidir em quem votar neste ano -e, para a maior parte dos eleitores, o quadro piorou nos últimos meses.

Segundo pesquisa Datafolha, 53% dos brasileiros consideram que a situação econômica está tendo "muita influência" na sua decisão de voto.

Somados aos que acham que a economia tem"um pouco de influência" (24%) nessa escolha, a importância do tema atinge 77% -enquanto 21% não veem influência alguma.

Nesse contexto, subiu de 46% para 52% (entre levantamento feito em março e agora) o total de brasileiros que consideram que sua situação econômica pessoal piorou nos últimos meses.

A importância atribuída pelos eleitores à economia e a deterioração na percepção da condição pessoal ajudam a explicar o fraco desempenho eleitoral, até aqui, do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Segundo o Datafolha, se a eleição fosse hoje, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) venceria o pleito de 2022 no primeiro turno, com 54% dos votos válidos, ante 30% de Bolsonaro.

O percentual de votos válidos, que exclui brancos e nulos, é o considerado pela Justiça Eleitoral para declarar o resultado final -são necessários 50% dos votos válidos mais um.

Se não vencer, Bolsonaro será o primeiro presidente a não se reeleger entre todos os que puderam concorrer, desde a redemocratização, a um segundo mandato. Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma Rousseff se reelegeram.

A pesquisa mostra ainda que cerca de 7 em cada 10 eleitores não alterariam seu voto se a situação econômica do país piorar -ou a de alguns indicadores econômicos.

No caso dos eleitores de Bolsonaro, no entanto, a possibilidade de mudarem o voto devido a uma piora é cerca de dez pontos percentuais maior do que entre os simpatizantes de Lula.

Se a **inflação** aumentar, por exemplo, 32% dos eleitores do presidente podem mudar o voto. Entre os de Lula, são 23%.

Bolsonaro concorre à reeleição com dois dos principais indicadores econômicos - **inflação** e desemprego- na casa dos dois dígitos; e com o Banco Central subindo os juros para controlar a escalada dos preços, o que encarece financiamentos ao consumo e desestimula investimentos empresariais.

No acumulado em 12 meses até abril, o IPCA (índice oficial de **inflação**) ficou em 12,13%,0 maior nível desde outubro de 2003. Alguns bancos e consultorias consideram que a taxa possa recuar para a faixa de um dígito somente no último trimestre deste ano.

Já o desemprego encerrou o primeiro trimestre em 11,1%, mesmo nível do quarto trimestre de 2021, o equivalente a 11,9 milhões de desocupados.

Cerca de 2 em cada 3 eleitores (66%) avaliam que a situação econômica do país piorou nos últimos meses, mesmo índice captado pela pesquisa em março.

A taxa é mais alta entre as mulheres dos que entre os homens (71% e 61%, respectivamente), entre moradores do Nordeste (72%) e entre os eleitores de Lula (84%, ante 27% entre os simpatizantes de Bolsonaro). Entre os que reprovam o governo

Bolsonaro, o índice chega a 91%.

Já a influência da economia na decisão do voto alcança índices mais altos entre os homens do que entre as mulheres (80%, ante 74%), entre os mais jovens (85%) e os mais instruídos (87%).

Para o levantamento, o Datafolha ouviu 2.556 pessoas acima de 16 anos em 181 municípios do país nos dias 25 e 26 de maio. Contratada pela Folha, a pesquisa tem margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou para menos e está registrada no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) como número BR-05166/2022.

Inflação pode mudar voto de 3 em cada 10 e de metade dos jovens Cerca de 3 em cada 10 brasileiros poderão mudar sua intenção de voto até o dia das eleições, em 2 de outubro próximo, dependendo da evolução da **inflação** até lá, segundo pesquisa Datafolha.

No total, 31% veem a possibilidade de alterar a escolha caso a **inflação** aumente (12% com grande possibilidade, 11% média e 8% pequena).

Proporções parecidas de entrevistados avaliam que o aumento do desemprego e a piora da economia em geral poderão ter o mesmo efeito na escolha do voto.

Um dos principais obstáculos no caminho do projeto de reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL), o comportamento da **inflação** ser a mais determinante (para cerca de 4 em cada 10 eleitores) entre os desempregados e morado res da região Norte.

Entre os jovens de 16 a 24 anos, a relevância será ainda maior: mais da metade (51%) avalia mudar o voto dependendo da evolução dos preços.

Representando 14% do total dos eleitores na amostra do Datafolha, muitos jovens nessa faixa de idade estão vivendo pela primeira vez num contexto de disparada dos preços.

Os mais velhos entre eles tinham cerca de 17 anos no último surto inflacionário no país, em 2015, quando o IPCA, índice oficial de preços, subiu 10,67%.

Entre os eleitores dos dois candidatos liderando a disputa até aqui, Luiz Inácio Lula da Silva (PT; com 48% das intenções de voto no primeiro turno), e Bolsonaro (27%), são os simpatizantes do presidente os mais suscetíveis a mudar a intenção de voto por conta do comportamento da **inflação**: 33% se dizem dispostos a isso. Entre os que querem votar no petista, apenas 23%.

No acumulado em 12 meses até abril, o IPCA subiu 12,13%, maior nível desde outubro de 2003 (13,98%). Muitos analistas e consultorias estimam que a **inflação** seguirá na casa dos dois dígitos até perto da eleição.

O Itaú, por exemplo, prevê queda para um digito só em outubro. Mesmo assim, segundo o banco, a **inflação** encerraria 2022 em 8,5%, refletindo preços administrados (combustíveis principalmente) mais elevados e alguma queda nos valores de bens de consumo no segundo semestre.

A pesquisa Datafolha mostra que a chance de volatilidade dos eleitores levando em conta a **inflação** é parecida à relacionada ao comportamento do desemprego e à situação econômica em geral - tanto no total dos brasileiros quanto considerando, separadamente, apenas os eleitores de Lula e Bolsonaro.

Até por ser o incumbente e o responsável pela administração da economia, Bolsonaro tem, em relação à Lula, eleitores cerca de dez pontos percentuais mais suscetíveis a mudar seu voto até a eleição, dependendo do comportamento da **inflação**, do desemprego e da economia.

No caso de Lula, 78% de seus eleitores dizem que não alterarão o voto caso o desemprego suba. Entre os simpatizantes de Bolsonaro, uma desocupação maior até a eleição não alteraria a intenção de 67%.

Assim como a **inflação**, a taxa de desemprego também está na casa dos dois dígitos e tem sido um dos principais problemas para Bolsonaro, comprometendo suas chances eleitorais.

No primeiro trimestre deste ano, a taxa de desocupação no Brasil ficou estável em relação ao último trimestre de 2021, em 11,1%, segundo o IBGE, representando 11,9 milhões de brasileiros desempregados.

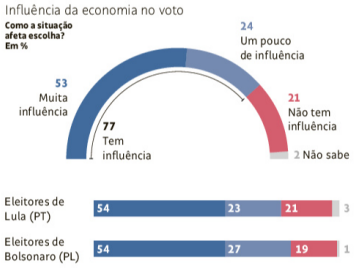
Além do desemprego elevado, dados do IBGE mostram que o rendimento médio do brasileiro caiu quase 9% nos últimos 12 meses até março. Segundo o instituto, o valor médio cedeu de R$ 2.789 em março do ano passado para R$2.548 neste ano.

Site:
https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49927&anchor=6456820&pd=6fc41e83a912d29269cbee0cfe8f1e43

Situação econômica

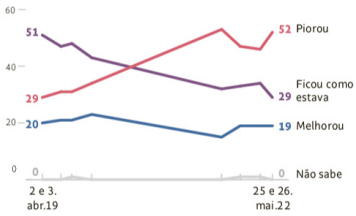
Influência da economia no voto

Como a situação afeta escolha? Em %



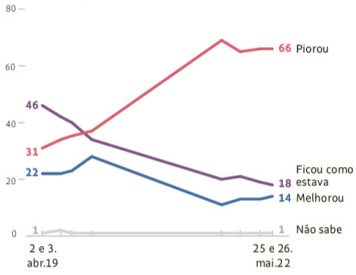
Situação econômica do entrevistado

Nos últimos meses, como evoluiu? Em %



Situação econômica do país

Nos últimos meses, como evoluiu? Em %

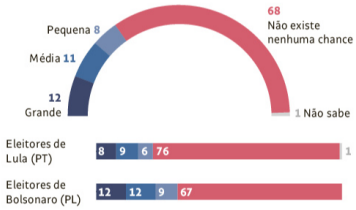


Chance de mudar o voto para presidente

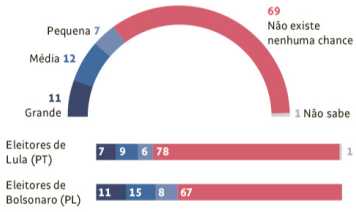
O que levaria a alterar a escolha até a eleição?

Em %

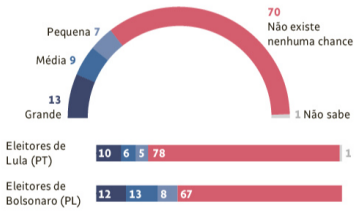
A inflação aumentar



A situação econômica se agravar



O desemprego aumentar



Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.556 pessoas acima de 16 anos em 181 municípios do país nos dias 25 e 26 de maio. Levantamento tem margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou para menos e está registrado no TSE com o número BR-05166/2022

Crises mundiais fazem os jovens repensarem prioridades

F5 Anna P. Kambhampaty THE NEW YORK TIMES

Em Um período tumultuado, muitos adultos americanos de menos de 35 anos desistiram de apostar na segurança. Em lugar de guardar a mesma proporção de seus ganhos que costumavam, eles agora poupam menos, gastam mais, investem em projetos que os apaixonam ou optam por carreiras de risco.

Nimarta Narang, 27, disse que costumava ser prudente sobre quase tudo, até o final do ano passado, mas que então teve uma epifania: "Não quero passar a vida sendo tão cuidadosa e cautelosa".

Por boa parte da pandemia do coronavírus, ela não pôde viajar a Bancoc para visitar sua família. Quando enfim fez uma visita, ficou chocada com o número de coisas que tinha perdido: o 50o aniversário de sua mãe, o funeral de sua avó, o noivado de sua irmã, a barba de seu pai ficando grisalha.

"Ao voltar aos Estados Unidos, percebi que precisava fazer as coisas de um jeito diferente", disse Narang, que é editora literária na revista Brown Girl Magazine.

Uma coisa que ela sempre tinha desejado era morarem Nova York. Narang empacotou tudo que tinha em seu apartamento em Los Angeles e se mudou, em março.

Também adotou uma nova abordagem quanto às finanças. Antes da pandemia, disse, ela costumava guardar pelo menos US$ 2.000 (R$ 10,2 mil) por mês. Agora, poupa apenas metade desse valor. O resto ela usa para bancar um apartamento mais caro (seu novo aluguel é US$ 600 por mês mais alto, o que equivale a R$ 3.000), para sair mais com os amigos e para pequenos caprichos de que antes se privava.

"Eu queria usar minhas economias para ter uma grande experiência em algum momento da minha vida, mas visitar a família me fez perceber o quanto da vida eu estava perdendo." Ela não está sozinha. Um estudo recente da Fidelity Investments constatou que 45% das pessoas dos 18 aos 35 anos "não veem vantagem em economizar até que as coisas voltem ao normal". Na mesma faixa etária, 55% das pessoas disseram que deixaram de lado o planejamento de aposentadoria.

Para algumas pessoas, como Narang, o isolamento da pandemia causou a decisão de desfrutar do momento, e que se danem, as consequências financeiras. Para outras, a motivação veio de preocupações como a invasão da Ucrânia pela Rússia, a instabilidade política no país, a disparada da **inflação**, os custos de habitação em alta desenfreada e um mercado de ações confuso.

Hannah Jones, humorista radicada em Denver, disse que costumava guardar todo dinheiro que pudesse. Ela só fazia compras em lojas de pechinchas e se recusava a pagar por uma assinatura da Netflix. Agora, Jones se tomou aquilo que descreve como "uma niilista financeira", o que significa que ela guarda muito menos dinheiro.

O estado precário do planeta está sempre em seus pensamentos. "Não vou me privar de confortos em minha vida atual em benefício de um futuro que às vezes parece que pode ser arrancado de mim a qualquer instante", ela disse.

Em suas apresentações de stand-up, Jones, 27, tem uma fala que sempre causa risadas: "Não, não vou economizar para a minha aposentadoria, vou gastar o dinheiro agora, enquanto ainda existe uma cadeia de suprimento". Ela muda a conclusão do sketch de acordo com as manchetes do dia. Há noites nas quais em vez de falar da cadeia de suprimentos, ela simplesmente encaixa uma menção à catástrofe da vez.

Esse clima de rejeição da frugalidade é onipresente. Hannah Fuller, 25, disse que antigamente ela poupava entusiasticamente, pensando no futuro. Porque precisou de bolsas de estudo para conseguir fazer o segundo grau e uma universidade, ela administrava seu dinheiro cuidadosamente, e poupava o máximo que podia em sua conta de aposentadoria.

Mas agora, diz, seu modo de pensar mudou. Tudo começou quando ela estava morando em Portland, Oregon, a cidade em que cresceu, durante a onda

"Vivendo cercada de fumaça, o sentimento de desânimo e desesperança era palpável", disse Fuller, que trabalha para a Farmers Market Coalition, uma organização sem fins lucrativos de Washington. "Ir a lugares que você costumava visitar quando criança e vê-los destruídos pelo fogo faz com que a vontade de construir coisas novas se torne muito forte", ela prosseguiu.

Agora, Fuller abandonou o hábito de pedir sempre o prato mais barato do cardápio. Reservou ingressos para um festival de música em Barcelona dentro de algumas semanas. E, tendo em vista a explosão dos preços no mercado de imóveis, ela chegou à conclusão de que economizar para comprar uma casa não é algo com que ela vá se preocupar agora.

"Os preços das casas se tornaram completamente inacessíveis", ela disse. "Nem sei se isso vale meu tempo e minha energia." Alguns especialistas dizem que a atitude do gastar já não é específica dos jovens de 2022.

"Cada geração passou por um momento de visões apocalípticas sobre sua vida", disse Brad Klontz, psicólogo financeiro em Boulder, Colorado. Durante a Grande Depressão, ele apontou, muita gente deixou de confiar nos bancos. No pico da Guerra Fria, o medo da guerra nuclear afetou a maneira pela qual muitos jovens planejavam seu futuro. E durante a crise financeira de 2008, economizar para comprar uma casa parecia despropositado, para muita gente.

"Não estamos programados para poupar", disse Klontz. "Estamos programados para consumir. Se você tem uma visão empolgante quanto ao futuro, pode se tornar a espécie de pessoa que poupa agressivamente para quando se aposentar. Se você tem uma visão apocalíptica do futuro, por que economizar para ele? É claro que você vai preferir fazer outra coisa." As visões negativas quanto ao que está porvir podem ser exacerbadas por questões como a mudança do clima. Danilo Jiménez, que planeja fazer pós-graduação em política ambiental começando no quarto trimestre, disse que adiou os planos de começar a poupar para a aposentadoria e que prefere gastar o dinheiro em viagens de final de semana e para sair da casa de seus pais e dividir um apartamento com amigos em Nova York.

"A ideia de colocar dinheiro em uma conta de aposentadoria à qual só terei acesso aos 60 anos... isso seria em 2056! ", disse Jiménez, 25, que trabalha como treinador de futebol juvenil e auxiliar de marceneiro. "Àquela altura muita coisa terá mudado por causa da mudança no clima." Em lugar de colocar suas economias em uma conta tradicional de poupança, Schuyler Wagner, 25, está dedicando seu dinheiro e tempo a um investimento idiossincrático: o cultivo de corais. Para Wagner, que é analista financeiro em Tempe, Arizona, a cultura de corais era um hobby de infância que ele abandonou ao chegar à universidade, porque não havia espaço para grandes aquários no alojamento.

Mas depois de se formar, ele voltou ao seu passatempo. Wagner agora cuida de corais das variedades Goniopora (também conhecido como coral "vaso de flores"), Euphylia (que segundo Wagner atinge preços muito altos) e Acanthophyllia ("um pólipo de coral imenso que pode chegar ao tamanho de uma pizza"), entre outros. Wagner tem sete aquários em seu apartamento, contendo 1,7 mil litros de água. Ele compra e negocia corais de outros adeptos do hobby no Arizona, bem como em lojas especializadas.

Wagner diz gastar de US$ 750 (R$ 3.800) a US$ 1,5 mil (R$ 7.700) por mês em materiais e equipamento. Ele espera que um dia esse dispendioso hobby

comece a dar lucro, e que ele possa adotá-lo como trabalho de tempo integral.

"Em lugar de tentar poupar para competir com a **inflação** ou para comprar uma casa dentro de cinco anos, o que para mim não faz sentido no momento, quero me dedicar a essa paixão", ele disse. "Há incerteza demais no mundo, e a Covid deu um lugar de destaque às paixões." Tradução Paulo Migliacd

Site:
https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49927

Meus propósitos - HENRIQUE MEIRELLES

HENRIQUE MEIRELLES

Sou leitor do Estadão há algumas décadas. É um jornal que mantém um alto nível de seriedade e compromisso com as ideias que defende e com os interesses do País. Portanto, aceitei com muita satisfação o convite para escrever esta coluna, onde poderemos endereçar algumas questões fundamentais para o Brasil.

O País tem tido alguns avanços fundamentais nas últimas décadas, mas que correm o risco de se perder na discussão e na formulação de política econômica e no grande ruído que existe hoje na sociedade devido ao alto nível de polarização.

Uma questão crucial para países emergentes é a disponibilidade de moeda externa, de reservas.

O grande economista brasileiro Mario Henrique Simonsen tratou dessa questão quando o problema era de acesso a moeda forte e, portanto, dificuldade do País em cumprir suas obrigações externas. Em decorrência disso tínhamos episódios de desvalorização cambial, que levaram a problemas graves de **inflação**.

Simonsen dizia que o Brasil tinha dois problemas: **inflação** e câmbio, que na época significava falta de reservas. Nas palavras dele, "a **inflação** aleija, mas o câmbio mata".

Quando assumi o Banco Central, em 2003, tínhamos uma dívida de US$ 30 bilhões com o FMI e reservas ao redor de US$ 20 bilhões, que chegaram a US$ 15 bilhões - ou seja, o País estava quebrado. A **inflação** chegou a 17% de junho de 2002 a maio de 2003. Enfrentamos isso com políticas monetária e fiscal rigorosas, chegamos a colocar a taxa Selic a 26,5% ao ano e a meta fiscal foi fixada como um superávit primário de 4,25% do **PIB**. Isso é crucial para o registro histórico: foi com estabilidade econômica criada pela **inflação** controlada, acúmulo de reservas e equilíbrio fiscal que pudemos crescer.

Isso permitiu ao Brasil enfrentar crises como a de 2008, quando foi considerado o país que superou a crise com maior sucesso. Lembro de uma conversa com um presidente de BC de países ricos. "Henrique, vocês estão acumulando reservas, e eu acho que é impressionante.

Mas nós não temos reservas.

Por que você precisa acumular reservas?" Eu respondi: Olha, o dia que vocês chamarem o Brasil de uma economia avançada, eu não vou precisar mais de reservas".

Meu propósito nesta coluna será tratar de medidas que o Brasil precisa tomar para voltar a crescer, como a necessidade de restabelecer a estabilidade fiscal (com a restauração do teto de gastos), de uma reforma administrativa, de uma **reforma tributária** ampla para simplificar a economia e de ações para aumentar a produtividade. É preciso qualificar o trabalhador e criar empregos melhores. A melhor e mais eficiente política social é o emprego.

Site: http://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo

'Musk não tem gabarito para gerir o Twitter'

JENNE ANDRADE

A Nasdaq, bolsa de valores norte-americana em que as maiores empresas de tecnologia estão listadas, vive um dos seus piores momentos em pelo menos uma década.

No acumulado do ano até a última sexta-feira, o índice Nasdaq Composite cede 22%, aos 12.131,13 mil pontos.

André Kim, sócio e analista da GeoCapital, gestora especializada em investimentos no exterior, explica que tecnicamente a bolsa americana já entrou no chamado bear market - um período de extremo pessimismo.

Entre os catalisadores desse mau desempenho estão o aumento da **inflação** no mundo e expectativas de juros mais altos.

Se, por um lado, o investidor deve ficar mais criterioso na seleção dos ativos, por outro a baixa generalizada abre oportunidades.

Em entrevista ao E-Investidor, o analista também comenta a proposta de compra do Twitter feita por Elon Musk, que agora está suspensa. Kim duvida que o bilionário seja a melhor pessoa para gerir a rede social.

A Nasdaq teve o pior abril em 22 anos, com queda de 13,26%. No acumulado em 2022, a desvalorização é de mais de 20%. O que está ocorrendo?

Há alguns componentes mais relacionados com o macroeconômico, que é o aperto monetário iniciado verbalmente pelo Fed (Federal Reserve) no final do ano passado. À medida que o tempo foi passando, foi ficando ainda mais evidente que a **inflação** continuaria acima do imaginado. Desde a crise do subprime nos Estados Unidos, temos uma quantidade de dinheiro nunca vista antes no mercado. Isso acaba trazendo várias implicações, como empresas que nem têm tanto caixa tendo acesso a caixa, empresas que não geram lucro tendo acesso a crédito. E, quando o dinheiro começa a ficar mais escasso, acaba havendo consequências em diversos ativos.

É natural que, quando há um tom mais severo para aperto monetário, essas empresas que não tinham um lucro líquido comecem a corrigir.

Podemos comparar a correção na Nasdaq aos efeitos do estouro de bolha?

Tecnicamente falando, o Nasdaq já está em bear market - que é quando o nível máximo atingido nos últimos 12 meses já teve uma correção de mais de 20%.

Contudo, não dá para comparar ao estouro de uma bolha. Se pegarmos o estouro da bolha ponto-com entre 1999 e 2000, a magnitude foi muito diferente em termos de correção de mercado. Não teve empresa que saiu ilesa. A Amazon naquela época chegou a ser reprecificada quase 95% para baixo. Então não estamos nem próximos de um estouro de bolha, mas, para as empresas que estão gerando caixa, vemos, sim, uma correção bem significativa.

Posso falar de Meta, que está negociando a 15x, Netflix entrou em 18x, Google está em 21x, Amazon e Apple corrigindo bastante também.

São as big techs, Meta, Google e Apple, as maiores oportunidades no mercado americano?

Essas empresas ficaram bastante tempo sendo queridinhas.

Existia até aquela nomenclatura 'FAANG' (Facebook, Amazon, Apple, Netflix e Google) e um ETF que investia nas FAANGs. Analistas e investidores falavam que era um porto seguro, empresas para investir e

ficar tranquilo pois com certeza iriam crescer e dar lucro. Agora, estão muito longe de queridinhas, mas ainda achamos que são uma oportunidade.

Entretanto, não paramos por aí. Estamos vendo outros setores, como os de saúde, cibersegurança, agricultura, bebidas, mercado de luxo, hotelaria. Há empresas como Visa e Illumina, empresa de sequenciamento genético de que estamos gostando também.

Qual visão vocês têm do processo de compra do Twitter por Elon Musk?

O ponto é: o Twitter está muito distante de conseguir o que o Instagram e o YouTube conseguiram. O Elon Musk é um ávido usuário, tendo em vista que ele sempre usou Twitter como principal fonte de compartilhamento do que ele pensava, mas é um pouco difícil de entender o que ele quer fazer com a empresa.

Temos algumas hipóteses: pode ser que o Elon Musk use o Twitter como se fosse um Washington Post para o fundador da Amazon ou como se fosse o China Morning Post para a Alibaba. Esses conglomerados grandes de empresas têm veículos proprietários de mídia para controlar. O Elon Musk acha interessante ter um veículo de mídia social dentro do conglomerado.

Agora, para monetizar e tudo mais, ele não tem essa experiência, apesar de ser um cara muito inovador, que pensa fora da caixa.

Ele não tem experiência comprovada de gerir uma empresa de mídia social. Achamos que ele não tem gabarito, experiência, mas conhece muita gente e também tem muita gente trabalhando para ele.

Acreditamos que a compra do Elon Musk parece interessante para o conglomerado dele, mas, para execução, para pegar os pontos fracos do Twitter, talvez não seja a pessoa mais indicada pela (falta de) experiência prévia. Vamos aguardar o que ele está querendo fazer.

Site: http://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo

Economia é decisiva para escolha do voto, diz Datafolha

GUILHERME CAETANO
guilherme.caetano@sp.oglobo.com.br SÃO PAULO

Veja a matéria no site de origem:

https://infoglobo.pressreader.com/o-globo

Site: https://infoglobo.pressreader.com/o-globo

Nova estratégia do Banco do Brics prevê até R$ 12 bi para empresas brasileiras

Assis Moreira De Davos (Suíça)

Veja a matéria no site de origem:

http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Site: http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Otimismo com PIB não chega até o 2° semestre

Anais Fernandes e Marta Watanabe De São Paulo

Veja a matéria no site de origem:

http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231

Site: http://www.valor.com.br/virador/?valor_pro=1#/edition/187231